



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

**ESCRAVIDÃO NEGRA NO CEARÁ DURANTE A SEGUNDA METADE DO
SÉCULO XIX**

MAMADU URI BALDÉ

REDENÇÃO/CE

2016

MAMADU URI BALDÉ

**ESCRAVIDÃO NEGRA NO CEARÁ DURANTE A SEGUNDA METADE DO
SÉCULO XIX**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

ORIENTADOR: PROF. Dr. EDSON HOLANDA LIMA BARBOSA

REDENÇÃO/CE

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

**Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos CRB-3 / 1219

B147e Baldé, Mamadu Uri.

Escravidão negra no Ceará durante a segunda metade do século XIX. / Mamadu Uri Baldé. – Redenção, 2016.

44 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza.
Inclui figuras, tabelas e referências.

1. Escravidão - Ceará. I. Título

CDD 326.98131

MAMADU URI BALDÉ

**ESCRAVIDÃO NEGRA NO CEARÁ DURANTE A SEGUNDA METADE DO
SÉCULO XIX**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 07 / 12 / 2016 .

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Edson Holanda Lima Barboza-UNILAB (Orientador)

Professora Doutora Larissa Oliveira e Gabarra-UNILAB (Examinadora)

Professor Doutor Rafael da Cunha Scheffer-UNILAB (Examinador)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais e todos que ajudaram a concretizar a minha pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Olhando ao meu redor, percebi que existem pessoas maravilhosas que constroem estradas para a minha felicidade. Pessoas essas que lutaram, lutam, e lutarão para transformar os meus sonhos em realidade. Com isso quero aqui agradecer a Deus que na sua magnificência, me concedeu o alento da vida e a oportunidade. Igualmente quero remercicar toda minha família.

Aos meus pais Alfa Baldé e Umo Aua Djaló, os meus primeiros professores na escola de vida. Agradeço pela confiança, conselhos, carinho e amor incondicional. Pois vocês sempre me ensinaram o valor da vida, a necessidade de persistir e resistir, mas todo na base da prudência.

Quero ainda estender os meus profundos agradecimentos para o meu tio Mamadu Alfa Djaló por ter sido aquela pessoa que desde início do meu processo escolar esteve presente, ajudando na construção do meu melhor futuro. As suas contribuições sempre foram valiosas desde escola de ensino médio até data presente. Tio, você sempre acreditou no meu futuro, por isso, devo-lhe um grande agradecimento.

Aos meus irmãos Cadidjato, Aissatu, Aliu, Binta e meu primo Alassana, que sempre fizeram presentes nos meus dias ruins e bons, o meu muito obrigado pela presença, seja ela espiritual e física.

A Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, UNILAB, com suas pró-reitorias, reitor, professores, técnicos administrativos, servidores, meu muito obrigado pela companhia.

Quero assim de uma forma especial agradecer o meu querido orientador Prof^o Dr^o Edson Holanda Lima Barboza, pelas suas sábias correções, pontualidade, paciência, vontade e interesse em me nortear durante a realização desse trabalho, que Deus lhe faça chegar ao pódio mais alto da vida.

De igual modo, faço chegar os meus agradecimentos a Prof^a Dr^a Larissa Gabarra, a quem sempre se preocupou com o meu estado de saúde e sempre me auxiliou.

A minha auxiliadora Syrlyane, a quem me ajudou bastante a concretizar a pesquisa no Jornal *A constituição* (1663 a 1889), sozinho seria impossível realizar a pesquisa, muito obrigado por deixar os teus afazeres para me ajudar.

Ao nosso grupo de pesquisa do professor Edson Holanda Lima Barboza intitulado: Trabalho Cultura e Migrações no Ceará. Foi um grupo que me proporcionou muitos aprendizados.

Enfim, quero agradecer toda a comunidade acadêmica, em especial, Svetla Fortes Borja, Imelson Ntchala Cá, Domingas da Silva, Luís Felipe Sá, Wilson Sanca, Thamilton Teixeira, Inácio Barbosa, as vossas contribuições tiveram impactos positivos, e me ajudaram a sentir seguro nessa nossa caminhada. Meus profundos agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho analisa em três capítulos a escravidão negra no Ceará, propondo demonstrar como ocorria o sistema escravocrata local. Desde o princípio do processo de escravidão, os negros escravizados não se conformavam com o universo que era imposto pelo seu senhor. O sistema era bem rígido, o que não impediu ao cativo resistir, revoltar-se ou formar a família. Realizamos uma pesquisa que averiguou o processo escravista a partir da segunda metade do século XIX, investigando o jornal conservador *A Constituição*, entre 1863 a 1884, com objetivo de compreender as ações de resistências e indicativos de família escravizada no Ceará. Em diálogo com a produção da História Social da escravidão, buscamos identificar os indícios da resistência a partir da ação de fuga e outras formas de resistência. A violência é percebida através de descrições dos estigmas, ferimentos e deformidades nos corpos de homens, mulheres e crianças submetidas ao domínio escravista.

Palavras-chaves: Escravidão Negra no Ceará; Família Escravizada Resistência.

ABSTRACT

The present work analyzes in three chapters the black slavery in Ceará, proposing to demonstrate how the local slave system happened. From the very beginning of the slavery process, the enslaved negroes did not conform to the universe imposed by their master. The system was very rigid, which did not prevent the captive to resist, revolt or form the family. We conducted a survey that investigated the slave process from the second half of the nineteenth century, investigating the conservative newspaper *The Constitution*, between 1863 and 1884, in order to understand the actions of resistance and indications of family enslaved in Ceará. In dialogue with the production of the Social History of slavery, we seek to identify the evidence of resistance from the action of escape and other forms of resistance. Violence is perceived through descriptions of stigma, injury, and deformity in the bodies of men, women, and children subjected to slave rule.

Key-words: Black Slavery in Ceará; Slavery Family Resistance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I.....	11
DEBATE HISTORIOGRÁFICO SOBRE A ESCRAVIDÃO E A FAMÍLIA ESCRAVIZADA NO BRASIL	11
1.1. NEGAÇÕES DA FAMÍLIA ESCRAVIZADA.....	11
1.2. NOVAS ABORDAGENS SOBRE FAMÍLIA ESCRAVIZADA	14
1.3. AS AMBIGUIDADES DA BRECHA COMPONESA	16
CAPÍTULO II	20
CARACTERIZAÇÃO DA PROVÍNCIA DO CEARÁ	20
2.1. FORMAÇÃO HISTÓRICA.....	20
2.2. COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO.....	21
2.3. AS ATIVIDADES PRODUTIVAS	25
2.4. A IMPORTÂNCIA DA ESCRAVIDÃO NO CEARÁ	30
CAPITULO III.....	31
RESISTÊNCIA ESCRAVA NO BRASIL E NO CEARÁ.....	31
3.1. RESISTÊNCIA ESCRAVA NO CATIVEIRO	31
3.2. FUGAS DE ESCRAVIZADOS OS: ANÚNCIOS, DEFEITOS FÍSICOS E CICATRIZES.....	35
3.3. FUGAS DE ESCRAVIZADOS: QUANTO AO SEXO.....	38
CONCLUSÃO	40
FONTES.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa abordar a escravidão negra no Ceará, focalizando-se nos debates historiográficos sobre a formação da família escravizada, suas resistências, atividades produtivas. Procuramos delimitar o nosso tema na segunda metade do século XIX, para melhor relacionarmos os debates teóricos e dialogamos com algumas publicações do jornal *A Constituição* no período escravocrata. O nosso trabalho procura estudar e entender como ocorriam às resistências, fugas, formação da família escrava e os modos de exploração do trabalho na província cearense.

Para concretização deste trabalho, utilizamos ferramentas distintas a fim de realizar a nossa pesquisa. Além de publicações do jornal conservador *A Constituição*, entre 1863 a 1884, foi realizada análise bibliográfica de alguns autores que abordaram a escravidão. Em diálogo com a produção da História Social da escravidão, buscamos identificar as ações de resistência e partir de anúncios de fugas dos escravizados.

Desde o princípio do processo da escravidão, os negros escravizados não se conformavam com o sistema escravocrata cearense. O sistema era bem regido, o destino dos escravizados dependia do seu senhor, porém alguns desobedeciam, formavam famílias, outros conseguiam fugir desse sistema desumano.

Esta pesquisa comprova que a utilização de mão-de-obra escrava dos negros contribuía positivamente para economia local através da produção de algodão, cachaça, rapadura, criação de gado e dentre outros.

O nosso trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro capítulo fala do debate historiográfico sobre a escravidão e a família escravizada. Neste capítulo através dos debates teóricos percebem-se as estratégias utilizadas pelos escravizados na formação da família e na fuga.

O segundo capítulo é intitulado “Caraterização da província do Ceará” nele aborda-se a historiografia cearense pela sua peculiaridade histórica para compreensão de atividades produzidas pelos escravos no período escravocrata cearense. Percebeu-se que os cativos negros estiveram presentes em todas as esferas econômica, cultural e social da província de Ceará.

O terceiro capítulo articula-se por uma abordagem teórica sobre a resistência escrava no Brasil. Este capítulo mostra como ocorriam às revoltas e fugas dos escravizados durante o período escravocrata brasileiro. Utilizaram-se várias bibliografias e uma fonte que é o jornal *A Constituição*. Entendeu-se que os negros escravizados não se conformavam com o sistema escravocrata desde o princípio da escravidão no Brasil. Os cativos criaram varias resistências e revoltas contra o regime escravocrata.

CAPITULO I

DEBATE HISTORIOGRÁFICO SOBRE A ESCRAVIDÃO E A FAMÍLIA ESCRAVIZADA NO BRASIL

O presente capítulo visa tratar sobre o debate historiográfico concernente à família escravizada no Brasil. Ao longo do interesse no estudo da escravidão, os historiadores fizeram uma revisão a respeito dos relatos de viajantes da época sobre a existência da família escravizada. Os estudiosos começaram a estudar profundamente e a reconstruir a verdadeira história dos escravos; nesse sentido, o escravo passa a ser como o objeto central de estudo. Desse modo, vamos trazer algumas abordagens historiográficas sobre família escrava no Brasil.

1.1. NEGAÇÕES DA FAMÍLIA ESCRAVIZADA

No que diz respeito aos debates historiográficos sobre escravidão e família escravizada no Brasil, muitas bibliografias abordam este tema, sendo um debate muito relevante e polêmico entre os viajantes, historiadores, antropólogos e dentre outros estudiosos nos séculos XIX e XX.

Uma dificuldade fundamental na formação da família escravizada no cativo tem relação com a compra e venda do cativo. Essa relação forçava uma enorme fuga de escravizados nas fazendas. Havia ainda aqueles que afirmavam que a promiscuidade e a prostituição predominavam entre os escravizados, impulsionando uma visão divergente sobre a existência da família escravizada. Desde meados do século XX, alguns autores da escola Paulista de Sociologia, nomeadamente Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, entre outros, promoveram uma retrospectiva historiográfica, com intuito de averiguar os fatos evidentes que comprovam a impossibilidade da existência da família escrava no cativo.

Seja uma função da violação do sistema escravista e pela suposta prostituição que viceja em seu meio, a experiência familiar teria se mostrado impossível aos cativos, com todos os agravantes psico-sociológico acarretado pela sua situação precária.¹

¹ PASCOAL, Isaias. **Família escrava: Ninho acolhedor?**. Fênix: Revista de história e estudos culturais. Universidades de Campinas- UNICAMP, Vol. 5 ano V n° 1, 19p, 2008.p.2. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF14/Artigo_13_Isaias_Pascoal.pdf. Acesso 08 março. 2015.

O argumento da inexistência da família escravizada tem demonstrado ao longo do tempo seu impacto. Os especialistas da área privilegiavam relatos de viajantes europeus e difundiam a impossibilidade e incapacidade dos escravizados formarem suas próprias famílias no período do sistema escravista. Alguns viajantes do século XIX descreveram a falta da privacidade que o próprio sistema impunha à vida cotidiana dos cativos, apontando possíveis promiscuidades sexuais nos cativeiros, de modo que muitos escravizados nascidos na senzala desconheciam um dos seus pais, principalmente o pai. A suposta austeridade do sistema escravista provavelmente não reconhecia e nem permitia que os escravizados tivessem capacidade ou condição primordial de sustentar sua própria pessoa, muito menos formar ou organizar sua família. Para os viajantes daquela época, era impossível o escravo formar sua família no interior do sistema escravista, porque as condições eram inadequadas:

No Brasil, as representações da vida íntima na senzala permaneceram quase constantes, desde antes da Abolição até a década de 1970. Constatavam-se, em todo o período, sombrias cenas de promiscuidade sexual, uniões conjugais instáveis, filhos crescendo sem a presença paterna. Segundo Louis Couty (1881), um francês prolífero em livro e análises sobre o Brasil, “a maioria dos filhos de escravos conhecem apenas um dos seus pais, a mãe, e esta frequentemente ficaria constrangida se tivesse que preencher um registro civil exato”. Oitenta anos depois, em livro instigante e pioneiro de história social, Emília Viotti da Costa (1966) assinalaria “licenciosidade das senzalas”, e Oracy Nogueira (1962) enfatizaria “o caráter ocasional e promíscuo das relações sexuais” no cativo, que fazia com que o escravo “mal chegava de conhecer a própria mãe e os irmãos.”²

Robert Slenes destaca a ausência de avanços nos estudos sobre o tema entre o século XIX e a década de 1970, observando a ausência ou negação da existência da família escravizada nos estudos da escola paulista. Esta escola nega a existência da família escravizada, salientando que, através da violência e dos abusos legitimados pelo sistema escravista, não havia como os cativos formarem as suas famílias no cativo, de forma que o senhor se sentia dono do corpo do cativo, abusando das escravizadas. Outro aspecto que influenciava o contexto da família era disparidade entre os números dos homens e das mulheres. Em algumas senzalas havia menor número das mulheres na fazenda com relação ao dos homens. Esta possível carência da mulher impulsionava a meretrício e a promiscuidade no cativo.

² SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor**: Esperanças e recordações na formação da família escrava Brasil Sudeste, século XIX. 2. ed. Campina: Editora Unicamp, 2011. p. 37.

Kátia Mattoso é enfática na questão: os escravos não se casavam e, se o faziam evitavam ter filhos. Com parceiros geralmente escolhidos pelo dono, as uniões eram múltiplas, passageiras e não visavam à procriação. Se esta acontecia, os filhos nasciam de “mãe certa e pai incerto”. Assim, a família da criança passava a ser o conjunto da comunidade e a vida social do, mas importante que a vida familiar propriamente dita, praticamente inexistente.³

Alguns senhores separavam bruscamente os cativos sem nenhum sentimento humano, tanto a mãe como os filhos, com intuito de vendê-los para quem quisesse comprar. Muitas crianças entre dez a quatorze anos eram separadas dos seus pais, principalmente da mãe, implicando a desmotivação na formação da família.

No que diz respeito à sociedade escravista, os senhores pejoravam escravizados de uma maneira catastrófica. Neste período, consideravam-nos objeto, mercadoria, animal selvagem, etc. o escravizado podia ser vendido e trocado, alienado, estuprado e castrado. Ora, essa visão eurocêntrica que a sociedade escravista impunha aos escravizados foi o estigma mais árduo deixado.

A análise das razões primordiais do processo da escravidão que levou estudiosos da Escola Paulista a rejeitarem a relevância da família escrava é derivada do desconhecimento da realidade de como os africanos formavam suas famílias. Como sabemos, em algumas sociedades tradicionais africanas, é legítima a prática da poligamia, um homem pode casar-se com mais de uma ou duas mulheres, isso é normal. “razões que levaram essas pessoas a negar importância à família escrava, e, em alguns casos, a desconhecê-la, pesaram muito a visão do homem branco e o modelo de família construído sob o influxo da religião católica”.⁴ Os estudiosos provavelmente não percebiam as realidades do casamento tradicional africano, tinham uma visão ou um pensamento eurocêntrico de que um homem só pode casar-se com uma mulher a monogamia, modelo de construção familiar da religião católica. “Em alguns lugares da África, a poligamia é um direito conferido ao homem como meio de mostrar sua virilidade e, acima de tudo, o poder, porque é bom...”.⁵ Esse choque de cultura europeia e africana fez com que alguns estudiosos não reconhecessem a existência da família

³ QUEIRÓZ, Suely Robles Reis de. **Escravidão negra em debate**. In: Freitas, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. 2º. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p.114.

⁴ PASCOAL, Isaías. op. cit., p.4

⁵ SCARPARO, Dolores. **Niketche**: Uma história de poligamia- A busca da subjetividade por meio da literatura. Estudante do 8º trimestre do curso de letras da universidade Estadual de Mato Grosso- pontes e Lacerda(UNEMAT), 2003. p.10.

escravizada no período de escravidão. No entanto, muitos dos estudos feitos até a década de 1970 foram realizados por “pesquisadores de gabinete” possivelmente. Não iam ao campo para averiguar o cotidiano nas fazendas ou documentos de casamento de cativo nas igrejas, e reproduziam informações racistas e preconceituosas que os viajantes lhes ofereciam. Em vez de reproduzirem velhos ou novos preconceitos, os pesquisadores devem ir ao encontro dos rastros de documentos em cartórios e nas igrejas, e não somente nas limitadas informações dos viajantes estrangeiros.

1.2.NOVAS ABORDAGENS SOBRE FAMÍLIA ESCRAVIZADA

Antes da década de 1980, os estudiosos que tratam sobre a temática da existência da família escravizada no Brasil tinham uma visão equivocada, gerada pela ausência de pesquisas em diversas fontes historiográficas. A partir de 1980, novas contribuições modificaram o debate. Suely Queiroz apontou grandes pesquisadores e estudiosos da demografia histórica, tais como: Iraci del Nero, Robert Slenes, Horácio Gutiérreze dentre outros, que fizeram uma análise profunda nas fazendas, de igual modo nos cativeiros, com intuito de estudar a família escravizada. Durante a pesquisa Slenes encontrou inúmeras famílias unidas, por exemplo: “1.975 escravos em 78 fazendas de Campinas no período de 1872-1888, dos quais, 41% eram adultos, isto é, daqueles acima de quinze anos estariam unidos legalmente”.⁶ Estes dados percentuais são provas evidentes que comprovam a existências de famílias escravizadas nestas 78 fazendas de Campinas no século XIX.

Não existem relatos unânimes entre os viajantes de século XIX sobre a família escravizada no cativo, dos 61 relatos pesquisados em diferentes cidades do Brasil, no estudo de Suely Queiroz, 36, ou seja, 60% deles não tinha descrito a existência da família escravizada. Em seus registros sobre as histórias dos cativos predominava o silêncio ou preconceito. No entanto, dos outros 25 relatos, em 41% foi identificado cônjuges cativos, descrevendo sobre escravizados casados e com seus filhos. Porém, eles não citavam os exemplos no que diz respeito à organização familiar estável e dos laços fixos, salientavam que provavelmente alguns senhores não separavam os casais nas fazendas ou nas cabanas. Entretanto, estudiosos desta temática enxergavam inúmeras presenças de famílias escravizadas bem organizadas e definidas que duravam

⁶ QUEIROZ, Suely Robles Reis de. op. cit., p.112

muitos anos. As fazendas bem estruturadas e organizadas eram visíveis à presença da família escravizada, alguns senhores incentivavam os escravizados para que formassem a família.

O objetivo primordial do senhor era ter mais cativos na fazenda, como sabemos quanto mais o número de escravizados na fazenda maior é a produção no campo, essa força de trabalho cativo gerava lucros. E esses lucros sustentavam o sistema escravista.

Robert Slenes demonstrou que em Campinas, nas grandes e médias propriedades, quase 20% de crianças com até 14 anos de idade que tinham nascido em determinada fazenda não contavam com seus pais, as razões primordiais destas separações eram tráficos interno, compra e venda de escravizados e mortalidade.

Segundo Robert Slenes, durante os tempos que Saint-Hilaire vivenciou no Brasil, o governo obrigava os proprietários de Campos, em São Paulo, que deixassem os cativos se casarem entre se; ora, não foram todos os proprietários das fazendas que congratulavam com obrigação do governo. Alguns concordavam e outros não. Defendiam que não servia para nada dar maridos às negras, porque os escravos não tinham mínimas condições para formar suas famílias ou para criar seus próprios filhos.⁷

Trazemos relatório do presidente da província de Minas Gerais de 1845 com dados oficiais que evidenciam casamentos do escravo ou formação da família escravizada no ano 1844 em algumas vilas do Sul de Minas.

Relatório de nascimento, casamentos e óbitos do presidente para província de Minas.⁸

VILAS	CASAMENTOS		NASCIMENTO		ÓBITOS	
	Livres – escravos		Livres - escravos		Livres - escravos	
CAMPANHA	133	39	308	91	178	99
BEAFENDY	221	187	542	358	329	240
AYRUOCA	50	26	155	79	166	95

⁷ QUEIRÓZ, Suely Robles Reis de. 1998, p.117.

⁸ PASCOAL, Isafas . op. cit.,p.6.

TRÉS PONTAS	152	44	383	140	225	75
JACUARY	170	24	282	99	207	132
CALDAS	208	74	637	180	216	122
JACUHY	62	10	200	35	49	10
TOTAL	1006	404	2507	982	1370	733

Conforme os dados na tabela acima, podemos constatar o número significativo de casamento de cativos em diferentes vilas mineiras. Analisamos dentre as sete vilas da tabela, a vila de Beadendy, que tinha maior número de escravizados casados e com maior índice de óbitos em relação a todas as vilas. Ao avaliarmos o número total de nascidos, casados e óbitos entre os cativos nessas referidas vilas, podemos perceber que o número dos nascidos equivalia 46%, dos óbitos correspondia 35% ao passo que dos casados era 19%.

Tudo indica que nas fazendas acima mencionadas havia união e organização na família escravizada.

A realidade da família escrava é visível nos dados estatísticos [...]. É preciso realizar estudos mais focalizados para aferir detalhes e perceber sutilezas [...]. E, neste caso, o dado revelador da presença da família escrava tem a força de poder aparecer espontaneamente.⁹

Mesmo com tantos obstáculos que os escravizados tinham enfrentado no período da escravidão sobre a formação da família, alguns conseguiam resistir e vencer os impedimentos que os seus senhores lhes impunham, conseguiam se unir e formar suas famílias, isto é, foi uma estratégia e vitória imprescindível dos escravizados período tão dolorosa.

1.3. AS AMBIGUIDADES DA BRECHA COMPONESA

Durante o período escravocrata brasileiro havia constante fuga dos escravizados nas fazendas, causadas pela ausência de liberdade, crueldade, desumanização, acima de tudo, sucessivos trabalhos pesados e torturas que os senhores cometiam. A única forma

⁹ Idem. p.6.

que o cativo tinha para banir este cotidiano tão árduo era fuga. Os senhores usavam várias estratégias para prevenir ou minimizar a fuga dos cativos na fazenda. Alguns senhores disponibilizavam um pedacinho de terra, ou seja, uma brecha camponesa com objetivo de manter os escravizados nos planteis.

Esta vertente percebe que esta economia se dava por muitos motivos forma de controle do senhor sobre seu plantel, diminuição dos gastos com alimentação e vestimentas e acima de tudo uma pressão que os escravos exercem sobre seu senhor para que estes não retirem seus direitos.¹⁰

Em algumas fazendas o senhor disponibilizava um pedacinho de terra especial para que os cativos pudessem cultivar os seus próprios produtos agrícolas como: milho, banana, mandioca, cana, macaxeira dentre outros. Ora, esse pedaço de terra antes de ser doada aos escravizados na fazenda, havia uma negociação entre ambas as partes, senhor e escravizada.

Apesar de certos historiadores perceberem esta prática como uma forma de manter o plantel sobre controle, diminuir os gastos com alimentação e vestuário, esta conquista escrava é fruto de relação políticas com seu senhor. Quando senhor e escravo se encontram para negociar, os primeiros não agiam pelo amor divino, mas por necessidade e interesse, e o segundo quer buscar também o seu interesse que neste caso é a liberdade de viver.¹¹

Outro motivo importante que impulsionava o senhor a doar um pedaço de terra ao cativo era para minimizar a sua despesa com este como: alimentações, roupas, dentre outros. Para por fim a estes gastos os senhores disponibilizavam uma roça para que os cativos pudessem sustentar as suas próprias despesas para comprar seus produtos de primeira necessidade. Vale esclarecer que a ideia da concessão da brecha camponesa não vinha simplesmente pela vontade do senhor, havia “negociação” e persistência de alguns escravos. “Engenho de Santana, na Bahia, em 1789, a reivindicação mais insistente feita ao proprietário, condição sem a qual não voltariam ao trabalho, era a concessão de dias para o cultivo da própria roça”.¹²

Estas eram as principais estratégias que o sistema escravista usava para minimizar as despesas e controlar os cativos no interior do sistema. Porém, eram as mesmas que os escravizados aproveitavam para comprar sua liberdade.

¹⁰ALMEIDA, Paulo Roberto de; BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. **Roças escravos no universo branco: A economia escravavista pelos viajantes.** Graduando em história e bolsista do programa de iniciação-PIC do Centro do Leste de Universidade de Minas Gerais / Unileste, Braga, Jezulino Lucio Mendes. Mestre em história social Universal Federal de Minas Gerais-UFGM, professor do centro Universitário do Leste de Minas Gerais/ Unileste-UFGM. 2004. p.8.Disponivelem: http://www.unilestemg.br/revistaonline/volumes/02/downloads/artigo_05.pdf Acesso 30 junh. 2015.

¹¹Idem. p.12.

¹² PASCOAL, Isaías. op. cit., p.17

Além disso, esta economia interna representava para os escravos, de acordo com Schwartz, uma vitória contra um regime brutal de trabalhos forçados e uma possível ruptura do sistema escravista. Em seus estudos Schwartz (1999) percebe a economia escrava, como parte de dois mundos. O do senhor que utiliza a roça escrava, como uma forma de diminuir os gastos com a mão - de - obra, e manter a ordem (acesso a terra era garantido por lei), e pelo lado do escravo, representava uma ruptura da estrutura escravista, um acesso à liberdade e uma forma de subsistência.¹³

Durante a colheita os produtos agrícolas eram comprados pelo próprio senhor, e os outros produtos eram levados para feiras, mercados e vizinhanças. O dinheiro servia ao escravizado para comprar alimentos e roupa para sua família ou comprar a sua alforria. Alguns senhores incentivavam os cativos a se casarem sem consentimento da escravizada, para reduzir sucessivas fugas de cativos na fazenda. “A existência segura da família escrava leva o olhar para outro ponto. Trata-se do cultivo de um pedaço de terra, normalmente cedido pelo proprietário ao cativo [...]”¹⁴. Havia várias estratégias implementadas para manter os cativos na fazenda.

Para os senhores, não há dúvida de que a permissão para o casamento escravo, e a concessão de uma gleba de terra a ser utilizada pelos cativos era um instrumento de pacificação, de enraizamento do escravo na propriedade com a finalidade de cercar aventuras que pudessem levá-lo para longe da unidade produtiva, por meio de fugas, ou desorganizar a produção e a ordem local por meio de rebeliões. Com certeza, entrava na “contabilidade” escrava o peso da preservação da mulher e dos filhos, que uma atitude intempestiva poderia pôr a perder.¹⁵

Essa pequena brecha camponesa que os senhores cediam aos escravizados ajudavam bastante os cativos na economia e na fortificação dos cônjuges nas fazendas. A roça não se limitava da vida econômica dos cativos. Era um universo em que os escravizados sentiam um pouco livres e menos pressionados pelos seus senhores..

Ao completar as quotas, os escravos estavam teoricamente livres para fazer o que bem quisesse, e há fortes indícios que na Bahia e em outras partes do Brasil, de que a maioria dos escravos queria alcançar um grau de independência, o que quase sempre significava trabalhar em seus próprios terrenos e em suas próprias hortas. Ao utilizar os domingos, os feriados religiosos e, às vezes, dias reservados ao descanso, os escravos podiam suplementar a dieta com a produção de sua própria horta, vender o excedente ao mercado local ou ao proprietário, e quando guardava o dinheiro, para fazer comprar a própria liberdade, ou de um ente querido.¹⁶

¹³ALMEIDA, Paulo Roberto de; BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes . 2004, p.4.

¹⁴ALMEIDA, Paulo Roberto de; BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes . op. cit., p.15.

¹⁵ Idem. p.15

¹⁶ PASCOAL, Isaías. op. cit., p.4.

A brecha camponesa cedida ao escravizado, os senhores implementavam uma norma específica, ou seja, uma lei que regulariza dia de trabalho do cativo ao seu proveito próprio. Os escravizados só tinham direito de trabalhar na sua roça nos domingos e em feriados desde que não prejudicassem o senhor nas lavouras. Este permitia-lhes cultivar na sua roça uma ou duas vezes semanalmente ou nas festas religiosas. Como assinalam Braga e Almeida:

O tempo livre como uma permissão dada pelo senhor, mas é claro que desde que isto não prejudicasse a produtividade dentro da lavoura ou do próprio engenho. Para o escravo, “estas oportunidades poderiam parecer uma abertura ou “brecha” no sistema escravista, de viver melhor e de participar diretamente do mercado local e para os outros agricultores, eram razões eficazes (reduzir os custos com alimentação e vestuários) a suas necessidades de mão-de-obra.¹⁷

Alguns viajantes e seus interpretes em suas análises eurocêtricas, racistas e preconceituosas sobre a escravidão afirmam que a brecha camponesa era concedida ao escravizado devido ao sinal de bondade do senhor, a que o sistema escravista no Brasil era afável ou brando, porque achavam que os cativos usufruíam de tantos direitos no interior do sistema.

Há de se fazer uma ressalva nesse relato por demonstrar uma visão eurocêntrica, racista e preconceituosa da escravidão, colocando a concessão de terra como uma bondade do senhor, uma forma de benevolência para com o escravo.¹⁸

Essa “oportunidade” que os senhores davam aos escravizados de vender seus produtos agrícolas por sua livre vontade fez com que muitos escravos tivessem boas relações, ou seja, afinidades com as vizinhanças, ao mesmo tempo estas vizinhos serviam-se de aliados tanto na compra de produtos desviados como na fuga.

¹⁷ Idem. p.4.

¹⁸ Idem. p.4.

CAPÍTULO II

CARACTERIZAÇÃO DA PROVÍNCIA DO CEARÁ

O objetivo primordial deste capítulo é caracterizar a província cearense em sua peculiaridade histórica: atividade produtiva, configuração populacional e a importância da escravidão negra local, a partir da segunda metade do século XIX.

2.1. FORMAÇÃO HISTÓRICA

Na segunda metade do século XIX, havia pouco interesse no estudo sobre escravidão no Ceará, ou seja, inúmeras obras publicadas sobre o tema pelos historiadores se limitavam a estudar as regiões Sul e Sudeste. Segundo Lindemberg, em 1850, os historiadores brasileiros publicaram grandes obras sobre o escravismo no Brasil tais como: Agostinho Marques Malheiros a obra intitulada – Escravidão no Brasil; João Durma – A Escravidão no Brasil, dentre outras¹⁹. Todas estas se configuravam no centro Sul como se não tivesse ocorrido a escravidão no Ceará, porém, a escravidão nesta província ocorreu com sua peculiaridade geográfica, social e econômica. Na província de Ceará, apesar de não ter grande número de escravizados comparando com Minas Gerais, São Paulo, Bahia dentre outras, existia escravidão local.

É importante saber que cada região tinha a sua peculiaridade histórica, a escravidão cearense era totalmente distinta de outras, porque nesta província a escravidão estava ligada mais na pecuária e na produção algodoeira. Especificamente, nessa produção existia um número significativo do escravizado. Enquanto que os trabalhos dos cativos de Recife e São Paulo em sua grande maioria estavam relacionados à exploração de plantação açucareira e cafeeira, essas tarefas eram predominantemente duras nas regiões que dependiam exclusivamente da mão-de-obra escravizada. Porém não quer dizer que o sistema escravista local era brando, era igualmente um sistema rígido e desumano:

Os senhores de escravos nas plantações de açúcar estavam mais propensos a matar seus escravos por causa de trabalho pesado lhes negando alimentação e sono apropriados. Os índices de mortalidades nestas plantações eram altos porque nestes lugares os senhores de escravo sempre podiam comprar escravos baratos. No Ceará, era caro comprar um escravo e não fazia sentido do ponto de vista econômica explora-lo completamente. Portanto a vida no sertão era bem menos dura.²⁰

¹⁹ SUGUNDO, Lindemberg. op. cit., p.76.

²⁰ MILES, Tshombe L. op. cit., p.49.

Os cativos no sertão cearense tinham mais ‘privilégios’ devido as condições climáticas. Pois o tipo e período da produção de cana de açúcar e café na região não permitiu grande investimento de escravizados. Os fazendeiros eram pobres não tinham recursos suficientes para adquirir escravizado direto de África. Na província, os cativos eram concentrados na pecuária e na produção algodoeira, estas atividades não exigiam muita demanda dos cativos no campo.

Segundo o relatório de administrador da província Ermerino Gomes, no dia 09 de abril de 1875, o trabalho escravizado de outras regiões e o dessa província tem:

igual diferença, porém, não me embala relativamente a cana de açúcar, apesar de nesta província haver-se resolvido o problema de ser aquelle penoso trabalho o produto exclusivo do bravo livre o que parece ainda hoje impossível nas províncias em que lavoura da cana é reservada por escravos. Felizmente na nossa província os cativos são reservados exclusivamente ao serviço domestico.²¹

O relatório provincial nos mostra a pouca utilização do cativo no cultivo de cana de açúcar comparando com outras províncias. Os cativos servem para o trabalho doméstico, isso mostra que o cativo no Ceará tinha um lugar específico em relação às outras províncias, onde a estrutura escravocrata tinha uma configuração de *plantation*.

2.2. COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO

No que concerne à composição da população da província cearense, desde o principio do século XIX, é composta por brancos, negros, indígenas e mestiços. A população local ia crescendo cada vez mais justamente pela expansão de pecuária:

À medida que a ocupação do Ceará foi se efetivado, consequência natural de frente de expansão, consolidou-se um espaço de trabalho que atraiu um contingente de homens livres, em sua maioria pobres, negros e pardos, vindos de províncias vizinhas na condição de vaqueiros trabalhando no sistema de quarta ou como morador e agregado junto às fazendas de criar.²²

A presença da pecuária no Ceará atraiu muitos trabalhadores livres vindos das outras regiões do nordeste, as vindas destes funcionários pobres de distintas classificações raciais ajudaram muito no crescimento populacional.

No início do século XIX, a população negra (mestiços e pretos) chegavam 56% da população total da capitania de Ceará isso mostra forte presença dos negros na

²¹ A *Constituição*, Fortaleza, relatório, ed. 037, 09 de abril de 1875, p.1.

²² FUNES, Eurípedes Antônio. Negros no Ceará. In: SOUSA, Simone (coord.). Uma Nova Historia do Ceará do Ceará, Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000. p.105.

província local, Edson Holanda Lima Barboza nos trouxe dados a respeito da configuração racial em 1808, como podemos observar a classificação da população na tabela abaixo.

Tabela 3.2: população de capitania de Ceara em 1808.²³

Branços	Índios	Pretos	Mulatos	TOTAL
43.457	12.383	23.444	46.549	125.878
(34%)	(10%)	(19%)	(37%)	

Podemos constatar na tabela acima, os números de pretos e mulatos eram de 56% e dos índios e brancos chegavam 44%. Isso evidencia que os negros ocupavam a maior percentagem racial na primeira década do século XIX.

Em 1808, os pretos e mulatos eram utilizados como trabalhadores livres ou escravizados, o número da população negra estava em crescimento. Os fazendeiros começaram a importar cativos das outras províncias vizinhas, o Ceará importava cativo durante a década de 1830, todavia a importação desses cativos negros ajudava no aumento da população local.

Durante o século XIX, a partir da década de 1840 o Ceará suspendeu a importação dos escravos, embora a introdução dos negros (pretos e negros) tenha continuado a ocorrer através da incorporação do trabalho livre seja ela de forma clande.²⁴

Os escravizados importados nesses períodos de (1808 a 1840) vão sendo incorporados junto com os trabalhadores livres pretos, pardos, mulatos e indígenas em distintos trabalhos que exigiam a utilização de mão-de-obra, isso impulsionou o aumento significativo dos números tanto dos trabalhadores livres como dos escravizados. Porém, com o passar do tempo o aumento da população local entrou em declínio. Abordaremos abaixo o fator dessa redução.

Antes de 1870 existia comércio interprovincial na província, a população negra começava a ser exportados para Sul do país, assim o número da população negra e trabalhadores livres começavam a declinar. “A província do Ceará, muito pobre devido às secas, já muito tempo era uma fonte importante de escravos para o mercado do Sul, com este comércio tendo aumento durante a década de 1870 em consequência da

²³ BARBOZA, Edson Lima. **Da diáspora cearense**: classificações raciais e alianças em rotas entre Ceará e a Amazônia. Projeto historia, São Pulo, n. 56, pp. 117-148, Mai.-Ago. 2016. p.126

²⁴ Idem. p.126.

seca”.²⁵ A venda dos cativos no comércio interprovincial na década de 70 do século XIX o número dos cativos diminuíram.

Em 1872, havia grande redução da população negra na província, o fator primordial desta diminuição era o comércio interprovincial de cativos. Com a proibição de comércio Atlântico dos escravizados nas Américas, o Ceará passou a ser principal fornecedor dos cativos.

Confiramos na tabela abaixo a redução da população na província do Ceará:

Tabela 3.3: População da Província do Ceará em 1872.²⁶

Raças	Livres	Escravos	Total	%
Branco	268.836	-	268.836	37
Pardo	339.166	18.254	357.420	50
Preto	28.934	13.659	42.593	6
Caboclo	52.837	-	52.837	7
Total	689.773	31.913	721.686	

A tabela acima apresenta uma redução de 13% da população preta de 1808 a 1872. Em 1808 a população era de 19% e em 1872 desceu para 6% isso justifica grande declínio da população preta.

A diretoria geral de estatística do Rio de Janeiro concluiu o trabalho oficial do recenseamento da população da província cearense em 1875. Nele podemos ver dados sobre a população cearense.²⁷

²⁵ CONRAD, Roberto. **Os últimos anos da escravidão no Brasil: 1850-1880**; tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro, civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975. 394p ilustr. 21cm (Retratos do Brasil, v.90) p.154.

²⁶ BARBOZA, Edson Lima. op. cit., p.127

²⁷ A constituição, Fortaleza, recenseamento, ed.031, 1875, p.3.

População do Ceará — A directoria geral de estatística no Rio de Janeiro concluiu o trabalho official do recenseamento da população desta provincia, chegando ao seguinte resultado:	
Total da população	731:606
Dita livre	689:773
Dita escrava	31:913

A província tinha 731:606 total da população, dentre ela 689:773 classificada como livre, ou seja, 94,28%. 31:913 corresponde 4,36% classificados como escravos e o restante de 9:920 não declaradas, constituem 1,35%. Talvez representassem a elite, ou comerciantes com uma mínima renda que se mantinha autônomos do grande proprietário. E os 268.836 da população branca, como também os classificados como caboclos 52.837 na primeira tabela seriam pobres livres. De qualquer forma, a soma de preto e pardo da primeira tabela, que os classifica como escravizados, é de 56%. Enquanto que três anos depois os classificados como cativos compõem 4,36%. Pode-se presumir que houve um declínio da população escrava, por conta do comércio interprovincial, fugas, e emancipações.

A seca na província local contribuiu bastante na decadência de número de escravo no Ceará, na grande seca de 1877-1879 morreram muitas pessoas, principalmente da camada desfavorecida da sociedade onde havia grande sofrimento humano.

Theophilo, que foi residente durante a seca e, além disso, um dos mais proeminentes estudiosos da época estima que a população cearense era de 900 a 1.000 mil pessoas no início de seca em 1877. Depois da seca ele estimou a população ser de 600 em 1879. O numero exato de mortes permanece não esclarecido, mas nós sabemos que mais pessoas morreram nesta seca do que os dados estatísticos. O índice de crescimento econômico também caiu durante esses.²⁸

Detectamos que a grande seca de 1877-1879 provocou a drástica redução populacional de 400.000. Apesar dos dados não trazerem as classificações raciais de números de morte dos pretos, pardos, mulatos, escravizados, brancos e caboclos mortos, provavelmente a maioria das vítimas eram cativos e trabalhadores livres de distintas cores raciais.

²⁸MILES, Tshombe L. op. cit., p.135.

Devido esta grande seca a situação era conturbada, alguns senhores não tinham controle dos seus cativos, muitos deles conseguiam se disfarçar como trabalhadores livres e acabavam por fugir.

A seca também criou uma oportunidade para os escravos a fugirem. As secas foram uma época de confusão e caos. Imagina 90% da população do interior deixando suas casas em fuga para as grandes cidades ou em muitos casos a fronteira com os outros estados. Foi muito difícil o governo impor a ordem sócia normal com a policia.²⁹

Os escravizados tinham experiências das secas passadas, muitos deles se aproveitaram a misturar com as populações livres para buscar melhores condições de vida e outros a reivindicar a sua liberdade para livrar do sistema escravocrata local. Com a emigração dos cativos e população livres o número da população declinou.

O grande número dos cativos exportados da província cearense durante o comércio interprovincial e emigrações das populações pobres e livres formada por mulatos e pardos, caboclos e pretos durante todo período das secas são os responsáveis diretos pelo declínio populacional na província. Porém, a presença do negro na província é visível em todos os aspectos como na contagem populacional, formação social, na cultura em geral evidenciando que "A ascendência africana esteve presente na formação social da população do Ceará".³⁰ Desde o princípio da colonização na província cearense a presença negra e indígena tinha dado contribuição direta ou indireta. Segundo Miles, um escravizado negro auxiliava os portugueses na colonização da região dos índios Cariris, porque ele falava bem a língua dos povos nativos e conhecia bem o local.

2.3. AS ATIVIDADES PRODUTIVAS

Havia presença do escravizado em todo tipo de produção, fosse ela mais controlada, como nas Minas de Ouro, ou nos Engenhos de Açúcar, menos controlada como no caso dos cativos de ganho, ou como vaqueiros de criação de gado. A escravidão em produções menos controladas pelos capatazes – também negros – é menos visível. É muito importante saber desde século XVII, havia presença dos negros no sertão cearense, porém a utilização de mão-de-obra negra foi implementada a partir

²⁹MILES, Tshombe L. 2011, p.138

³⁰ BARBOZA, Edson Lima. op. cit., p.126.

do século XVIII, na produção de algodão, cana de açúcar, charqueada, criação de gado dentre outros. Estes escravizados eram trazidos das outras províncias de Pernambuco e Bahia pelos fazendeiros, os cativos negros eram principal força produtiva. No Ceará havia sido utilizado mais de 300 escravizados em algumas plantações de algodão. “Tollenare encontrou no Ceará algumas plantações de algodão com mais de 300 escravos. Entretanto, o ciclo vegetativo curto de algodão tornava desvantajoso o emprego de escravos, que ficava ocioso grande parte do tempo”.³¹ Em algumas fazendas da província cearense os senhores tinham utilizado muitos cativos negros na plantação de algodão. Devido à condição climática, que não possibilitou um desenvolvimento econômico constante durante o período colonial não houve grandes investimentos em cativos, pois os fazendeiros tinham medo de perder o dinheiro, porque para adquirir um escravo era grande o investimento. Segundo Ana Paula Oliveira Rodrigues:

De maneira sucinta, é importante ressaltar a presença do escravo no sertão cearense desde o século XVII, porém será no século XVIII, Com a produção de algodão, que o africano e seu descendente serão utilizados em maior quantidade. Para Maria Sylvia Porto Alegre, isso se deu principalmente no início dessa produção quando se tentou implementá-la na mesma forma que a produção de cana-de-açúcar.³²

A partir do início do século XVIII, havia presença massiva dos escravizados em algumas fazendas algodoeiras, pois houve esse investimento para o cultivo de algodão. Mesmo que a produção de aguardente nos engenhos tenha utilizado o trabalho de cativos negros, o número de escravizados nessas lavouras era diferente do número da região centro Sul ou mesmo de Pernambuco. Portanto, é com a produção de algodão que se pode inquirir sobre um trabalho cativo negro no Ceará. Apesar da presença negra na província ser uma questão mais ampla e mais antiga.

Na província cearense havia múltiplas atividades produtivas pelo cativo negro na fazenda. Em algumas fazendas de criação de gado, o cativo servia de vaqueiro, além disso, trabalhava na indústria da charqueada, pois ele produzia a carne salgada que servia como o consumo local e os restos eram exportados para outras províncias, como produto de troca. Essa atividade produtiva ajudou muito no crescimento da economia e expansão da vila:

Uma nova atividade produtiva e econômica foi iniciada através do crescimento da pecuária, o comércio da carne salgada que era trocado pelo gado vivo, criando assim a indústria de charqueada. Essa atividade

³¹ RODRIGUES, A. Paula de Oliveira. **Escravidão no município de Acarape**: Entre cativos e senhores, 2015. p.15.

³² RODRIGUES, A. Paula de Oliveira. op. cit...p.15.

econômica impactou no crescimento da área rural transformando muitos povoados em vilas.³³

A pecuária era uma das principais bases do crescimento das atividades produtivas e ajudava muito na expansão e ampliação das vilas. Os alimentos produzidos serviam de consumo ou de troca, esse comércio local estimulava a mudança nos povoados:

os cativos negros participaram em quase todos os aspectos da economia. Havia casos de escravos negros que trabalhavam nas plantações de cana-de-açúcar no Ceará, produzindo cachaça um dos negócios mais bem sucedidos do Brasil [...] Havia uma em Redenção, ou no local que na época era conhecido como vila de Acarape à primeira cidade a libertar os escravos. A cidade tinha uma grande plantação de açúcar onde se produzia cachaça.³⁴

Em alguns engenhos de cana-de-açúcar os cativos produziam cachaça e rapadura, estes eram abastecidos no mercado para o consumo da população local e também para a exportação nacional. Nas fazendas na vila de Acarape, os cativos negros eram as principais forças produtivas de cachaça, pois a cachaça era um dos produtos que tinham aceitação no mercado brasileiro:

Serviam as necessidades do mercado local, produzindo rapadura e cachaça para o consumo local e subsequente eram bem menos ricas em maioria das plantações de açúcar em Pernambuco ou na Bahia [...] os proprietários dependiam exclusivamente do trabalho escravo como em Redenção e em Maranguape.³⁵

Os cativos eram forças produtivas na fabricação de cachaça. Em 1883, com a extinção de escravatura uma das fazendas de cachaça, hoje Douradinha, tinha mais de 50 escravos negros; provavelmente estes não só trabalhavam na produção de cachaça como também na fabricação de rapadura³⁶.

A cachaça Douradinha hoje tem o seu próprio Museu, onde a família Muniz Rodrigues homenageia-se e também conta a história da escravidão na cidade, por meio de uma narrativa de controle e instrumentos de tortura. Durante a nossa visita no dia 23 de outubro de 2016, na antiga fazenda no Sítio livramento, encontramos o antigo engenho de fabricação de cachaça. Como podemos observar a imagem abaixo os dois escravizados produzindo cachaça.

³³ RODRIGUES, A. Paula de Oliveira. 2015, p.19.

³⁴ MILES, Tshombe L. op. cit., p.47.

³⁵ Idem. p. 47

³⁶ Jonas Souza, guia do Museu Senzala do Negro Liberto.



Figura:1 Escravos no engenho produzindo cachaça no museu negro liberto em Redenção³⁷.

Como podemos observar na imagem acima, que é parte da narrativa museológica, os negros eram vistos como escravizados, única fonte de trabalhadores do engenho. No final da nossa visita entrevistamos o funcionário do museu Jonas Souza, a respeito das atividades produzidas pelos escravizados, ele disse o seguinte: “O que eu posso dizer sobre a produção escrava aqui no museu, desde 1873, os escravos trabalhavam só com a cana-de-açúcar todo processo era voltado para cachaça que era chamado de Dourada ou atual Douradinha”³⁸.

Em algumas fazendas da província os cativos produziam vários alimentos como: mandioca, feijão, milho, arroz dentre outros. Estes produtos eram vendidos nos mercados locais e outros eram exportados. De acordo com publicação no jornal *A Constituição* no dia 24 de abril de 1847, na sua edição 047 podemos perceber os alimentos que eles produziam:

O algodão continue a cultura por excellencia da província, entretanto exportarão-se também a mandioca, o arroz, o café, e a cana-de-açúcar, cujos produtos muitas vezes além de satisfazerem as necessidades do interior, transformando-se em generosos de exportação.³⁹

De acordo com *A constituição*, a pesar do algodão ser a principal atividade produtiva na província, os cativos trabalhavam em outras atividades produtivas.

De maneira concisa, é importante saber que a maioria dos cativos na zona rural ou no centro da cidade ocupavam distintas funções como: carpinteiros, pedreiros,

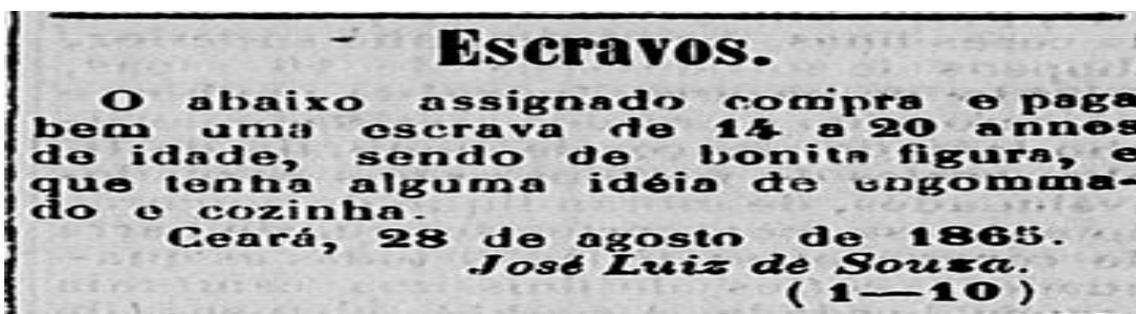
³⁷ Foto de Mamadu Uri Baldé, Redenção, 23 de outubro de 2016.

³⁸ (Entrevista com Jonas Souza, o funcionário do museu negro liberto no dia 23 de outubro de 2016)

³⁹ *A Constituição*, Fortaleza, relatório, ed. 047, 24 de abril de 1847. p.3.

sapateiros, costureiras, serviços domésticos e outros para qualquer serviço. Eurípedes Funes nos trouxe algumas informações a respeito das funções das escravizadas. “As mulheres escravas eram costureiras, rendeiras, fiandeiras, mas também prestavam-se aos serviços domésticos ou vice-versa e por certo em época de colheita, em especial do algodão iam para a lavoura.”⁴⁰ A pecuária como não exigia um número significativo da mão-de-obra escravizada, permitia que senhores alugassem os seus cativos para outras atividades com intuito de ajudar na renda familiar do proprietário.

No jornal conservador *A Constituição* é recorrente ver anúncios de compras, vendas e alugueis das escravizadas para os serviços domésticos. Como podemos observar no anúncio abaixo, publicado em 28 de agosto de 1865:



Anúncio de compra de escravidão no Jornal.⁴¹

Como podemos constatar no anúncio acima, uma das características importantes para a compra da escrava era ter “figura bonita”. Questionamos, assim, em qual das funções a escravizada seria utilizada. Saber cozinhar e saber engomar pode ser interpretado como uma segunda função na casa.

Em outro anúncio foi publicado no dia 30 de março de 1872 no mesmo jornal pede-se a contratação de dois escravos para diferentes serviços:

PEDREIRO e MARCENEIRO⁴²

O abaixo assignado tem dous escravos moços e robustos sendo um optimo pedreiro, e que trabalha tanto em obras de tijolo como de pedra, e outro marceneiro e especialmete carpina, os quaes alugo, ou contrato o jornal por anno, ou mensalmente, garantindo ou affiançando os seus bons costumes.

Ceará 30 de março de 1872

José Luiz de Souza.

Nestes anuncios podemos constatar repetição do nome do senhor José Luiz Souza. Os dois anúncios tem diferença de 7 anos de um para o outro. O primeiro foi

⁴⁰ FUNES, Eurípedes Antônio. op. cit., p.113.

⁴¹ A Constituição, Fortaleza, anúncio, ed. 0193, 28 de agosto de 1865, p.03.

⁴² A Constituição, Fortaleza, anúncio, ed. 060, 30 de março de 1862, p.4.

publicado 30 de março de 1862 e o outro 28 de agosto de 1875. Neste jornal conservador de circulação em Fortaleza podemos encontrar varios anúncios do mesmo anunciante. Este senhor estava ciente das funções que seus cativos poderiam exercer e quais escravizados ele precisava para comprar para manter seu negocio de aluguel de trabalho cativo.

No anúncio acima percebemos que os cativos desempenhavam várias funções, não se limitavam nas atividades produtivas e eram sujeitos de múltiplas profissões.

2.4. A IMPORTÂNCIA DA ESCRAVIDÃO NO CEARÁ

A escravidão negra nessa referida província contribuiu bastante no incremento da exploração de mão-de-obra escravizada. Os cativos negros desempenharam um relevantíssimo papel na construção das infraestruturas locais, implementando o caminho-de-ferro, passeio público e igrejas católicas. Dentre essas construções configura a ferrovia que liga a cidade de Baturité a Fortaleza, construída no século XIX. Agilizava a retirada de matérias primas das fazendas produtoras de algodão e demais produtos, como café, para a Cidade de Fortaleza. “A inauguração da estrada de ferro Baturité agilizando o transporte do algodão e de pessoas para a Cidade consolidou a hegemonia econômica de Fortaleza”.⁴³ A facilidade de transportar os produtos do campo, nomeadamente, algodão e café para Cidade ajudou muito no crescimento econômico da província. “O comércio do algodão se tornou particularmente importante quando o Ceará não era mais parte de Pernambuco e pôde negociar diretamente com Portugal e Europa”.⁴⁴ A província cearense antes de conquistar o mercado internacional, dependia de Pernambuco, ou seja, o Ceará era dependente politicamente da outra província.

Como é sabido, os Estados Unidos de América antes de 1860 era o principal país exportador de algodão para a Europa, com a guerra de secessão norte-americana em 1861, a cidade de Fortaleza por sua localização passou a fornecer o mercado internacional e centralizar a produção local:

⁴³ PONTE, Sebastião Rogério. **A belle époque em Fortaleza**: remodelação e controle. In: SOUSA, Simone (coord.). Uma Nova História do Ceará do Ceará, Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000, p.164.

⁴⁴ MILES, Tshombe L. op. cit., p.36.

No que concerne a Fortaleza, essa pretensão remodeladora desenvolve-se a partir de 1860 impulsionaram pelo aumento da exportação algodoeira verificada à época. A grande procura pelo algodão norte-americano para a Europa causada pela eclosão da Guerra de Secessão nos EUA naquela época.⁴⁵

Foi neste contexto de expansão econômica com a produção de algodão que na segunda metade de século XIX, a província do Ceará passou a valorizar o trabalho livre. Assim a posição da província como fornecedora de cativos para o tráfico interprovincial não ameaçava os projetos de acumulação das elites locais. Em contrapartida, a intensificação do tráfico interno representou para os escravizados cearenses sérias ameaças aos planos de constituir famílias e maior laços afetivos, levando ao processo de aumento de fugas e formas de resistência naquele período.

CAPITULO III

RESISTÊNCIA ESCRAVA NO BRASIL E NO CEARÁ

A finalidade primordial deste capítulo é explicar as ocorrências das resistências escravizadas no período escravocrata brasileiro. Desde princípio do sistema escravocrata, os escravizados não se sentiam confortados com a escravidão e utilizavam diferentes formas de resistências com intuito de afastar no mundo cruel onde se encontravam.

O objetivo do escravo em sua fuga era a liberdade definitiva. Ao sistema cabia evitar que isso ocorresse. E claro que o escravo não fugia apenas porque e quando era submetido a maus-tratos. Rebelava-se contra sua condição de vida.⁴⁶

Além das repressões que alguns senhores cometiam contra seus cativos, isto é, os trabalhos desfavoráveis, muitos escravizados fugiam para viver num universo aprazível sem repressões para se libertar do mundo desumano em se que viviam.

3.1. RESISTÊNCIA ESCRAVA NO CATIVEIRO

Os escravizados não ficavam de braços cruzados a submissão total dos seus senhores durante os mais de 300 anos de escravidão no Brasil, tal como certa

⁴⁵MILES, Tshombe L. 2011, p.163.

⁴⁶ PINSKY, Jaime. **Escravidão no Brasil**-11ª ed.- São Paulo: contexto, 1992.- (coleção Repensando a historia).p.58.

historiografia mostra. Havia resistência escravizada e fuga as primeiras tentativas de utilização forçosa de mão-de-obra escrava.

Ao contrário do que certa historiografia costuma apresentar, a presença do negro na história do Brasil não se resume ao trabalho pesado do baseando na submissão total. Como já vimos, os escravos fugiam se matavam e atentavam contra a vida dos seus senhores. Isto, dentro das condições de existência a que eram submetidos não era coisa pouca.⁴⁷

Ao longo da exploração e dominação por parte dos senhores, haviam sucessivas violências cometidas contra os cativos. As opressões obrigavam muitos escravizados a praticarem várias formas de resistências direta ou indireta no interior do sistema escravista. Resistências essas que se baseavam na formação de quilombo, revoltas, assassinatos, fugas, destruições dos engenhos, incêndios das plantações, desvios dos produtos agrícolas, práticas religiosas dentre outras. “As pequenas faltas, a figura de escravo preguiçoso ou fujão, os desvios da produção agrícola do senhor, o trabalho mal feito, todas essas práticas são vistas como formas de resistências”.⁴⁸ Os cativos usavam várias estratégias de resistência.

Alguns escravizados escondiam dos seus senhores para praticar a sua religião mesmo sabendo que aquela prática era proibida na época, quando só era admitida a prática de religião católica. Segundo Miles, em 23 de maio de 1858, havia dois cativos presos na Ceará por terem liderado uma dança de matriz africana.

Os escravos trabalhavam com lentidão e participavam de rituais culturais ou religiosas, tais como candomblé, capoeira e samba. Os escravizados também no Ceará criaram espaço para reivindicarem suas posições. Em 23 de maio de 1858, na capital do Ceará, dois escravos, Manuel e Martiniano, foram aprisionados por serem líder de reunião de samba.⁴⁹

Entendemos as práticas religiosas usadas pelos cativos durante o período escravocrata brasileiro como modos de resistência, porque o sistema não permitia que os cativos praticassem as suas religiões. Muitos historiadores como Genovese e Maria Helena Machado apud Santos vão dizer que as resistências não significam

⁴⁷ PINSKY, Jaime. op. cit., p.62.

⁴⁸SANTOS, Elizabeth Márcia dos. **Resistencia escrava:** As fugas de escravos em São João Del Rei na ultima década de escravidão no Brasil. 2004. 64 f. Monografia (especialização em História de Minas dos séculos XVIII e XIX). Curso de Pós-Graduação da UFSJ - Universidade Federal de São João del-Rei, São João Del-Rei, 2004.p.16. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/pghis/monografias/resistencia.pdf>. Acesso 03 mar. 2015.

⁴⁹MILES, Tshombe L. op. cit., p.87.

necessariamente cometer ações violentas, mas qualquer que seja ações cometidas pelos escravizados sem vontade do teu senhor podia ser considerada um ato de resistência.

Durante o período escravocrata nacional, os cativos tinham feito grandes revoltas que preocupava nacionalmente os senhores de escravizados como a Balaiada que tinha ocorrido no Maranhão e Piauí em 1838. Durante três anos de convulsões um dos líderes das revoltas era um filho nativo do Ceará, chamado Cosmo, os senhores não tinham capacidade de controlar a situação mesmo com a intervenção das tropas os cativos enfrentavam as autoridades do governo.

A Balaiada, ocorrida em 1838 no Maranhão e no Piauí, talvez seja o mais conhecidos dos levantes escravos. Durante três anos, os negros revoltosos resistiam as tropas do governo para, no final, capitularem diante das forças muito superiores lideradas pelo futuro Duque de Caixas.⁵⁰

As grandes rebeldias que aconteceram durante o período escravocrata brasileira principalmente no Maranhão e Piauí eram provas evidentes de que os cativos não se submetiam totalmente o sistema político escravocrata. Como sabemos ele era bem austero, os cativos lutavam afincadamente contra a escravidão porque eles eram cientes e convictos nos seus propósitos.

Em contraposição do caráter benevolente do sistema escravista e a submissão absoluta do escravo a seu senhor que muitos historiadores consideravam por muito tempo como típicas da escravidão brasileiras, está à afirmação de rebeldia negra. Ela teria sido um processo contínua, permanente e não esporádico, conforme alguns autores parecem acreditar, ou seja onde houve a escravidão houve resistências.⁵¹

A tortura durante o período escravocrata brasileira impulsionava os cativos a cometerem sucessivas revoltas. Nas fazendas sempre havia rebeldia, a luta contra escravidão era contínua, o sistema não permitia que os cativos vivessem uma vida condigna:

Relações de senhores escravos não é, como se tem escrito na historiografia oficial, isento de luta e sangue, ou apenas rompido, vez por outra, por movimentos de resistências e rebeldia... Como reação ao sistema escravocrata, a rebeldia negra, insurreição racial, foi um processo contínuo, permanente e não esporádico... A fuga e formação de quilombos começam desde 1559 e vem até a Abolição.⁵²

⁵⁰PINSKY, Jaime. op. cit., p.62.

⁵¹SANTOS, Elizabeth Márcia dos. op. cit., p.16

⁵²CONRAD, Roberto. **Os últimos anos da escravidão no Brasil: 1850-1880**; tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro, civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975. 394p ilustr. 21cm (Retratos do Brasil,v.90) p.18.

A formação do quilombo era uma das formas de resistência ao sistema escravista, em qualquer parte do Brasil onde ocorresse escravidão houve a formação de quilombos, os escravizados iam às zonas montanhosas e seguras e o capitão-do-mato não tinha como chegar facilmente para os capturar. A construção de quilombos se deu desde final de primeira metade do século XVI até fim da abolição de escravidão em todo país, as fugas revoltas eram constantes.

Na Bahia havia várias revoltas escravizadas dos quais havemos falar de algumas. Em 1808 a 1809 os muçulmanos haussás causaram desordem muito grande e fugiam para matas onde foram perseguidos brutalmente e muitos deles foram mortos. Após quatro anos, os escravos da fazenda de Manuel Inácio da Cunha também se revoltaram e escaparam a cerca de 600 escravizados e assassinavam no caminho os brancos. Mais de 50 cativos foram mortos nessa batalha devido à intervenção das tropas, isto mostra tanto quando os cativos lutavam contra a escravidão.

Na Bahia, os negros muçulmanos causaram transtorno muito grande às autoridades nas primeiras décadas do século XIX. Em 1808/9 escravos haussás desertaram de engenhos no recôncavo baiano e internaram-se nas matas onde foram caçados brutalmente e depois mortos ou aprisionados. Em 1813, cerca de seiscentos negros da armação de Manuel Inácio da Cunha se revoltaram e atacaram todos os brancos que encontravam pelo caminho nas cercanias de Itapuã. Só foram batidos quando importantes tropas colocadas no seu encalço mataram ou feriram cinquenta deles.⁵³

Os escravizados muçulmanos criavam grandes revoltas em 1808/9 e 1813 estas eram umas das múltiplas rebeldias escrava que tinham ocorridas no recôncavo durante o período escravocrata baiana. Em 25 de janeiro de 1835 os muçulmanos criaram mais uma revolta, esta revolta coincidia no período da expansão islâmica na Bahia. Os muçulmanos em sua maioria conheciam e falavam bem a língua árabe. “A rebelião aconteceu num momento de expansão do islã entre os africanos que viviam na Bahia”.⁵⁴ A expansão religiosa ajudou bastante na mobilização para a revolta. A escolha de data de 23 de janeiro de 1835 para a celebração, pelos Muçulmanos de Malês, não se deu de maneira aleatória. O dia 23 de janeiro coincide com o dia 25 de Ramadã, o mês extremamente sagrado para os muçulmanos. Reis vai nos explicar melhor conversão das datas:

Para confirmar essa informação fizemos a conversão no dia 25 de janeiro de 1835 a era de cristo para calendário muçulmano, e resultou o esperado 25 de

⁵³PINSKY, Jaime. op. cit., p.62.

⁵⁴REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil**. A história do levante do Malês em 1835, 1986. Disponível em: <https://escrivencia.files.wordpress.com/2016/06/rebelic3a3o-escrava-no-brasil.pdf> Acesso em 20 out. 2015. p.137.

Ramadã A.H. 1220. Era o final d mês de jejum, uma data inclusive muito próximo da festa de Lailatal-Qard, expressão para os idiomas ocidentais ora como *Noite da Gloria* , ora como Noite de Poder.⁵⁵

A religião muçulmana tinha grande repercussão na mobilização para levante de 1835, o fator primordial deste levante além da questão religiosa a maioria dos cativos vieram da Nigéria e Mali, ou seja, eram da mesma etnia Nagô e Haussás principalmente homens e adultos, em qualquer momento podiam se revoltar. Estes escravizados tinham alguma experiência militar vieram de guerras étnicas e religiosas tinham conhecimentos das línguas e escrita árabe. “Na África os prisioneiros de guerra eram parcialmente poupados para serem vendidos ou servirem aos vendedores”.⁵⁶ A guerra étnica e religiosa na África ajudou muitos escravizados nas revoltas de 1835, porque já vinham de África imbuídos de muitas experiências e táticas de guerras.

3.2.FUGAS DE ESCRAVIZADOS OS: ANÚNCIOS, DEFEITOS FÍSICOS E CICATRIZES

Durante o período escravocrata brasileiro houve sucessivas fugas dos escravizados. Nas maiorias das senzalas brasileiras encontramos vários instrumentos torturais que alguns senhores utilizavam para prender ou castigar os escravizados no interior das senzalas. “A partir do direito do senhor sobre o escravo, o certo é que os castigos estiveram sempre presentes na relação senhor-escravo”.⁵⁷As violências praticadas deixavam milhares dos escravizados marcas corporais e defeitos físicos além dos que não conseguiam sobreviver às torturas desumanas.

Nos jornais podemos ver vários indícios de torturas e defeitos físicos através dos anúncios de fugas dos escravizados. No dia 14 de julho de 1865 foi publicado o seguinte anúncio:

FUGIO DESTA CIDADE EM DIAS

Do mês dez de junho, um escravo mulato de nome – José, de idade de 25 anos pouco mais ou menos, altura regular um olho perdido e um pequeno segnal nas costas que parece ser um lobinho; bebadoe sambista. Desconfia-se que fugio para as handas de sobral: quem o apreender, e entregal- onesta i! de a seu senhor, o abaixo assinado, será bem recompensado.

Fortaleza 10 de JULHO DE 1865

Manoel Nunes de Mello.⁵⁸

⁵⁵REIS, João José. op. cit., p.145.

⁵⁶REIS, João José. op. cit., p.148.

⁵⁷SANTOS, Elizabeth Márcia dos. Op. cit., p.39

⁵⁸A *Constituição*, Fortaleza, anuncio, ed. 060, 14 de julho de 1865, p.4

Como podemos averiguar nos anúncios feitos pelos senhores de cativos nos jornais para localizar os seus fugitivos, alguns senhores caracterizavam os fujões pelas seguintes formas: estigmas corporais, defeitos físico, cor, idade, jeito de andar e muitas outras características. Esses sinais citados eram destacados pelos senhores porque, serviam-lhes de pistas para localizar os seus fujões. “muitos dos fugitivos foram descritos com ‘cicatrices nas pernas e braços’, ou mão queimada, sem que fosse especificada a forma como isso ocorreu”.⁵⁹ Muito difícil encontrar o anúncios dos fugidos sem as marcas corporais:

Fugiu da Madre de Deus do Anagu, terno da cidade de Leopoldina o escravo germano, pardo de 45 anos mais ou menos estatura baixa, testa pequena, pouca barba já branqueado, alguns signaes velhos de chicote nas costas onde tem um pequeno lobinho. Em consequência de destroncamentos tem o cotovelo do braço direito grosso, o que lhe não impede de trabalhar como valleiro. Esta fugido a 3 annos poucos mais ou menos. consta ter estado em dores de Boa Esperança e ter-se dirigido d’ali em direcção a Tamanduá, S Antonio do monte ou Patos.⁶⁰

Os sinais corporais de anúncios dos fujões, sinais de chicotes anunciados na fuga de Germano, eram evidentemente indicativos que comprovamos castigos que os escravizados sofriam no cativoiro. Eduardo Campos nos trouxe vários anúncios de fugas que podemos reforçar a identificação das cicatrizes e defeitos corporais dos escravizados nos anúncios de fuga no jornal como podemos ver abaixo o seguinte aviso:

Fugio da Casa cie P. J. Foulkes, no dia 22 do mez p. passado hum escravo crioulo Sapateiro de nome José, de idade a 20 annos pouco mais ou menos. Estatura mediana com marcas no queixo de feridas, e o mesmo no Peito, de duas facadas, pouca barba com signaes de bexigas, falla descançada, e levou consigo hum Cavailo velho Russo, é de se supor vá para as bandas de Pernambuco donde velo no principio do anno passado. Roga-se aqualquer pessoa q’ delle tenha noticia e o pegue queira avisar, ou conduzilo Dara esta Cidade aonde será bem Recompença (SIC) do pelo abaixo assignado. Ceará, 7 de janeiro de 1840. P. J. Foulkes⁶¹

Neste anúncio acima citada observamos que, o escravizado José tinha duas marcas de feridas no peito e sinais no queixo, estes eram fortes indicações que podemos comprovar a tortura dos escravizados pelos seus senhores, além das cicatrizes e defeitos corporais podemos perceber a profissão que eles ocupavam na fazenda. Muitos dos escravizados no momento da fuga alguns levavam consigo qualquer objeto da suma

⁵⁹SANTOS, Elizabeth Márcia dos. Op. cit., p. 41

⁶⁰ Idem. p.41

⁶¹ CAMPOS, Eduardo. Revelações da condição de vida dos cativos no Ceará. 1984, p. 103.

importância ou cavalo para facilitar na hora da fuga. Porém, estes objetos e animais seriam a pista primordial para capturar os fujões. Trazemos mais uma vez o anúncio de um cativo de nome Inácio no jornal *A Constituição* no dia 1 de março de 1866 com o seguinte anúncio:



Anúncio de fuga no jornal *A Constituição*.⁶²

O anúncio acima citado traz afirmação do senhor Antônio Correia Lima sobre os sinais que seu escravo tinha nas costas através das marcas corporais. Este tipo de aviso era recorrente no jornal.

No entanto, alguns sinais corporais dos escravizados não eram decorrentes somente de castigos, provavelmente alguns escravizados tinham nascido com defeitos fisionômicos, sinais naturais e outros possivelmente com as marcas que lhes identificavam suas etnias e clãs.

as marcas corporais deixados pelos castigos acabavam se configurando em um grande empecilho para o escravo. Entretanto, não eram apenas marcas de castigos que os escravos traziam no corpo, muitas eram marcas de nações, como os cortes nos rosto, tatuagens.⁶³

Em algumas sociedades tradicionais africanas tinham seus usos e costumes algumas tribos tinham suas marcas, principalmente nos rostos e peito, ora supostamente esses escravizados vieram com as suas marcas tribais dos seus respectivos países de origem. Não obstante, não podemos afirmar que todas as marcas corporais dos cativos eram castigos que os tinham sofrido durante escravidão.

⁶² A constituição, Fortaleza, anúncio, edi. 041, 01 de março de 1866, p.3.

⁶³SANTOS, Elizabeth Márcia dos. Op. cit., p.39

Trazemos alguns anúncios no jornal *A Constituição*, na verdade, são vários com o mesmo caráter de defeitos físicos e cicatrizes porque eram os meios que os senhores usavam para distinção e identificação do seu fujão. Nessa distinção percebemos os sinais de brutalidade ou selvajaria por parte de alguns senhores.

No momento da venda os defeitos físicos dos cativos eram mascarados só na condição da venda da sua “propriedade” alguns senhores pintavam os defeitos físicos que os tinham com intuito de vender à quem precisava comprar, porém, se os senhores não mascarassem os defeitos fisionômicos dos escravizados, provavelmente não teria aceitação ou seja, não teria demanda ao mercado escravista.

os anúncios de fugas de escravos trazem a descrição do negro tal como ele é, chegam a ser dolorosos, devido a franqueza com que descreve o negro fujão [...]Ao contrário dos anúncios de venda e aluguel que procuram pintar uma figura o mais bonito e perfeito possível.⁶⁴

No entanto, quando alguns senhores queriam vender seus cativos faziam no máximo possível para mascarrar os defeitos dos seus “pertences”, por outro lado podemos constatar nos anúncios da venda e aluguel, do cativo forte e corpulento fazia qualquer trabalho, tudo isso mostra potencialidade de escravizado, nem se não fosse cativo potente e resistente ao trabalho pesado, alguns proprietários forjaram ou denunciavam as qualidades da oferta para estimular a venda.

3.3. FUGAS DE ESCRAVIZADOS: QUANTO AO SEXO

Durante a nossa pesquisa no jornal conservador *A Constituição* de percebemos através dos anúncios de fugas de escravizados com distintas classificações raciais, sexo, nação e idade. Fizemos alguns levantamentos de 1864 a 1878 para entender melhor as características dos fujões na tabela abaixo:

Tabela 2.1. Fugas de escravizados quando ao sexo no jornal *A Constituição*⁶⁵

Ano	Sexo	Cor	Nação	Idade
1864	M	Cabra		16 -18
1864	M	Cabra		18
1865	M	Mulato		50
1865	M			
1865	M	Cabrapreto		25-26

⁶⁴ SANTOS, Elizabeth Márcia dos. 2004, p.43.

⁶⁵ *A Constituição*, Fortaleza, anúncios de 1864 a 1878.

1865	M		Cabra		22
1865		F	Cabra		18
1865	M		Criolo		11
1865	M		Mulato		25
1865	M			Africano	
1865	M		Cabra		27
1865	M		Cabra fulo		
1865	M		Cabra		30
1866	M		Mulato		13
1870	M		Cabra preta		12-14
1878	M		Cabra fula		22

Nos anúncios acima percebemos a maior número de fujões do sexo masculino principalmente entre 11 a 25 anos. Temos apenas uma escravizada na tabela acima. Sempre as mulheres somavam menor percentagem das fugas no cativeiro provavelmente as mulheres tinham mais responsabilidades de cuidar dos seus filhos que tinham na fazenda. Muitas escravizadas tinham intenção de fugir e não conseguiam, ou seja, tinham grande dificuldade de fugir com as crianças.

Provavelmente as proximidades das escravizadas as classes senhoriais facilitavam negociação com os senhores, com intuito de comprar as suas liberdades, elas poderiam achar melhor negociar do que fugir. “Possivelmente as escravas tinham mais chances para negociarem com seus senhores e alcançarem seus objetivos mais frequentes sem precisarem optar pelas fugas”.⁶⁶ Essas negociações provavelmente eram um dos principais obstáculos que impediam mais percentagem das fugas principalmente do sexo feminino.

⁶⁶SANTOS, Elizabeth Márcia dos. op. cit., p.30.

CONCLUSÃO

Durante a nossa pesquisa sobre a escravidão no Ceará percebemos que no século XIX havia pouco interesse dos historiadores na área de produção social principalmente no que tange a escravidão negra no Ceará. Os historiadores da época como: Joaquim Nabuco, Agostinho Margues Perdigão entre outros se baseavam a estudar escravidão no Brasil como um todo e nada falaram da peculiaridade histórica da escravidão cearense como se não tivesse ocorrido a escravidão local.

Nos finais do século XX por adiante, muitos historiadores como Eurípedes Funes, Lindemberg, Robert Slenes – contribuíram para reconfiguração do debate nacional e local. Apesar de Slenes não ter abordado especificamente a família escravizada no Ceará, na sua belíssima obra, nos ajudou bastante na compreensão da união entre os cativos.

No decorrer da nossa pesquisa acadêmica no jornal *A constituição* e dialogando com os autores da história social conseguimos perceber os indícios da resistência e formação da família escrava através dos anúncios de fugas. A violência é percebida através das descrições de cicatrizes, ferimentos e deformidades nos corpos de homens, mulheres e crianças submetidas ao domínio escravista. Por outro lado conseguimos identificar de que a utilização de mão-de-obra escrava negra ajudou muito no crescimento da economia local.

O cativo negro contribuía na economia local através da produção de algodão, cachaça, rapadura, criação de gado dentre outros. Desde início da utilização de mão-de-obra escravizada negra no Ceará o cativo tinha dado a contribuição no desenvolvimento da província.

Podemos afirmar que a exploração de mão-de-obra escravizada negra durante o período escravocrata brasileiro em especial cearense fazia com que muitas pessoas associassem o negro à escravidão. Porém, não eram escravizados todos os negros esse período tão árduo, havia presença dos negros livres pobres trabalhando ao lado dos escravizados.

Através da pesquisa no jornal *A Constituição*, e estudos teóricos da produção da história social observamos que os negros escravizados faziam-se presentes em toda a esfera econômico, social, culturais e políticas desde o período de ocupação da província

cearense pelos europeus no cativeiro e após escravidão sempre contribuíam na formação social e local.

Falar da escravidão é falar do passado tão cruel que os nossos ancestrais passaram durante mais de 300 anos de aflição, tortura, homicídio, resistência. Esse trabalho serve como marco inicial para a minha futura pesquisa no que tange a fuga dos cativos principalmente para tentar descobrir e saber quantos escravizados de origem de Bissau que eram aprendidos no Ceará durante o período escravocrata local.

Espera-se que este trabalho sobre a escravidão negra no Ceará vá ajudar os futuros pesquisadores da temática escravista cearense, na desconstrução do imaginário a respeito vida dos escravizados durante o período da escravidão. Acredita-se que este trabalho sirva como referência de pesquisa acadêmica na área social. Em suma, o trabalho percebe-se que a história da escravidão negra cearense não é genérica como alguns teóricos apontavam, mas sim tem a sua peculiaridade histórica.

FONTES

Jornal *A Constituição* de cidade de Fortaleza entre 1863 a 1884. Entrevista com guia do museu Negro Liberto em Redenção no dia 23 de outubro de 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de; BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. **Roças escravos no universo branco: A economia escravavista pelos viajantes**. Graduando em história e bolsista do programa de iniciação-PIC do Centro do Leste de Universidade de Minas Gerais / Unileste, Draga, Jezulino Lucio Mendes. Mestre em história social Universal Federal de Minas Gerais-UFMG, professor do centro Universitário do Leste de Minas Gerais /Unileste-UFMG.2004. Disponível em:
<http://www.unilestemg.br/revistaonline/volumes/02/downloads/artigo_05.pdf> Acesso em:30 junho 2015.

BARBOZA, Edson Lima. **Da diáspora cearense: classificações raciais e alianças em rotas entre Ceará e a Amazônia**. Projeto historia, São Pulo, n. 56, pp. 117-148, Mai.-Ago. 2016. Projeto historia. Revista do programa de estudos pós-graduados de historia. E-ISSN,2176-2767;ISSN 0102-4442. Disponível em:<<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/25806/20807>> Acesso em :27 outubro. 2016.

CONRAD, Roberto. **Os últimos anos da escravatura no Brasil: 1850-1880**; tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro, civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975. FUNES, Eurípedes Antônio. Negros no Ceará. In: SOUSA, Simone (coord.). Uma Nova Historia do Ceará do Ceará , Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

MILES, Tshombe L. **A luta contra escravatura e o racismo no Ceará** / Tshombe L. Miles; tradução, Denise Costa - Fortaleza: Edições Democrático Rocha, 2011, p.36).

PASCOAL, Isaías. **Família escrava: Ninho acolhedor?**. Fênix: Revista de história e estudos culturais. Universidades de Campinas- UNICAMP, Vol. 5 ano V n° 1, 19p, 2008. Disponível em:
<http://www.revistafenix.pro.br/PDF14/Artigo_13_Isaias_Pascoal.pdf. >Acesso em:08 março. 2015.

PINSKY, Jaime. **Escravidão no Brasil**/-11ª ed.- São Paulo: contexto, 1992.

PONTE, Sebastião Rogério. **A belle époque em Fortaleza: remodelação e controle**. In: SOUSA, Simone (coord.). Uma Nova Historia do Ceará do Ceará , Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

QUEIRÓZ, Suely Robles Reis de. **Escravidão negra em debate**. In: Freitas, Marcos Cezar. Historiografia brasileira em perspectiva. 2º. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil**. A historia do levante dos Malês em 1835, 1986. p. 145. Disponível em:
<<https://escrivencia.files.wordpress.com/2016/06/rebelic3a3o-escrava-no-brasil.pdf>> Acesso em 20 outubro 2015.

RODRIGUES, A. Paula de Oliveira. **Escravidão no município de Acarape: Entre cativos e senhores**, 2015.

SANTOS, Elizabeth Márcia dos. **Resistencia escrava:** As fugas de escravos em São João Del Rei na ultima década de escravidão no Brasil. 2004. 64 f. Monografia (especialização em História de Minas dos séculos XVIII e XIX). Curso de Pós-Graduação da UFSJ - Universidade Federal de São João del-Rei, São João Del-Rei, 2004. Disponível em:
<<http://www.ufsj.edu.br/portalorepositorio/File/pghis/monografias/resistencia.pdf>>.

Acesso 03 mar. 2015.

SCARPARO, Dolores. **Niketche:** Uma história de poligamia- A busca da subjetividade por meio da literatura. Estudante do 8 trimestre do curso de letras da universidade Estadual de Mato Grosso- pontes e Lacerda(UNEMAT), 2003.

SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor:** Esperanças e recordações na formação da família escrava Brasil Sudeste, século XIX. 2. ed. Campina: Editora Unicamp, 2011.

SUGUNDO, Lindemberg. **Para além do cativo:** Batismo, compadrio e casamento como símbolos da dinâmica social entre cativos e livres na freguesia de limoeiro/Província de Ceará(1862 - 1872). Volume 5, número 5, julho de 2008.